

KARL MARX E FRIEDRICH ENGELS

“Antes os filósofos apenas interpretavam o mundo; ... a questão, porém, é transformá-lo.”

*Teses sobre Feuerbach* [1845]

“A religião é simultaneamente uma expressão de sofrimento genuíno e um protesto contra esse sofrimento. A religião é o suspiro das criaturas oprimidas, seu sentimento em um mundo sem sentimentos, a alma de nossa condição desalmada. É o ópio do povo.”

[...]

“Ser radical é tomar a matéria pela raiz. Para o ser humano, porém, a raiz da matéria é o próprio ser humano.”

*Crítica da filosofia do direito de Hegel* [1843]

“Um espectro ronda a Europa — o espectro do comunismo.

[...]

A história de toda sociedade existente até hoje tem sido a história da luta de classes.

Homem livre e escravo, patricio e plebeu, senhor e servo, mestre de corporação e companheiro, em uma palavra, opressor e oprimido, em constante oposição, têm vivido uma guerra ininterrupta, ora disfarçada, ora aberta, que terminou sempre pela reconstituição revolucionária de toda a sociedade, ou pela destruição das classes em conflito.

[...]

A sociedade burguesa moderna, surgida das ruínas da sociedade feudal, não aboliu os antagonismos de classe. Apenas estabeleceu novas classes, novas condições de opressão, novas formas de luta, em lugar das velhas.

[...]

Em suma, [a burguesia] substituiu a exploração, encoberta pelas ilusões religiosas e políticas, pela exploração aberta, única, direta, brutal.

A burguesia despojou de sua aura todas as atividades até então consideradas honradas e vistas com respeito. Converteu o médico, o jurista, o padre, o poeta e o homem de ciência em trabalhadores assalariados.

A burguesia rasgou o véu sentimental da família, reduzindo as relações familiares a meras relações monetárias.

[...]

Os proletários nada têm a perder senão seus grilhões. E têm um mundo todo a ganhar.

PROLETÁRIOS DE TODO O MUNDO, UNI-VOS!”

*Manifesto Comunista* (trechos) [1848]

“O objetivo fundamental desta obra é revelar a lei econômica que move a sociedade moderna.”

*O Capital: Crítica da Economia Política – Livro I* [1867]

Até hoje os homens têm criado para si, constantemente, concepções falsas sobre si mesmos, sobre o que eles são e o que devem ser. Organizaram as relações humanas de acordo com suas ideias de Deus, de homem normal etc. Os fantasmas de seus cérebros tornaram-se seus senhores. Eles, os criadores, curvaram-se diante das criaturas. Vamos libertá-los das quimeras, das ideias, dogmas, seres imaginários, sob o jugo dos quais estão definhando. Façamos rebelião contra o governo dos pensamentos. Vamos ensinar os homens a trocar tais imaginações por pensamentos que correspondam à essência humana, diz alguém; a assumir uma atitude crítica diante das imaginações, diz um outro; a expulsá-las de suas cabeças, diz o terceiro; e... a realidade existente vai desmoronar.

Essas fantasias inocentes e infantis são o germe da filosofia jovem-hegeliana, que não só está sendo recebida pelo público alemão com assombro e reverência, mas também é anunciada por nossos heróis filosóficos com a consciência solene de seus perigos de cataclisma e de sua brutalidade criminosa. O primeiro volume da presente publicação tem o objetivo de desmascarar essas ovelhas, que se consideram e são consideradas lobos, mostrando como seus balidos consistem meramente numa imitação, em forma filosófica, das concepções da classe média alemã. Assim, mostra-se também como as bazófilias desses comentadores de filosofia espelham apenas os infortúnios das reais condições de vida na Alemanha. O objetivo da publicação é desacreditar as contendas filosóficas com as sombras da realidade, ao gosto da sonhadora e sonolenta nação alemã.

[...]

A primeira premissa de toda história humana é, evidentemente, a existência de indivíduos humanos. Por isso, o primeiro fato a se determinar é a organização corporal desses indivíduos, e em seguida sua relação com o resto da natureza. É claro que não podemos investigar aqui nem a própria natureza física do homem, nem as condições naturais em que ele se encontra — geológicas, oro-hidrográficas, climáticas e assim por diante. A historiografia deve sempre partir dessas bases naturais e sua modificação, no decorrer da história, pela ação do homem.

É possível distinguir os homens dos animais pela consciência, pela religião, ou pelo que quer que seja. Mas eles mesmos começam a se distinguir dos animais logo que principiam a *produzir* seus meios de subsistência, um passo

que é condicionado por sua organização corporal. Produzindo seus meios de subsistência, os homens estão produzindo, indiretamente, sua própria vida material.

O modo como os homens produzem seus meios de subsistência depende, em primeiro lugar, da natureza dos meios já existentes que eles encontram e têm de reproduzir. Esse modo de produção não deve ser considerado simplesmente como a reprodução da existência física dos indivíduos. Trata-se sim de uma determinada forma de atividade desses indivíduos, uma determinada forma de dar expressão a suas vidas, um determinado modo de vida deles. A maneira como os indivíduos expressam suas vidas é a sua maneira de ser. Assim, o que eles são coincide com sua produção, tanto com o que eles produzem, quanto com o modo como produzem. A natureza dos indivíduos depende, então, das condições materiais que determinam sua produção.

A produção de ideias, de concepções, de consciência é, a princípio, diretamente entrelaçada com a atividade material e o intercâmbio material dos homens, a linguagem da vida real. Conceber, pensar, os intercâmbios mentais dos homens, nesse ponto, aparece como a emanação direta de seus comportamentos materiais. O mesmo se aplica à produção mental, como se expressa na linguagem da política, das leis, da moralidade, da religião e da metafísica de um povo. Os homens são os produtores de suas concepções, ideias etc. — os homens reais, ativos, conforme são condicionados por um determinado desenvolvimento de suas forças produtivas e do intercâmbio correspondente a essas, até alcançarem suas formas mais elaboradas. A consciência nunca pode ser nada mais do que existência consciente, e a existência dos homens é seu próprio processo de vida. Se os homens e suas circunstâncias aparecem de cabeça para baixo, como numa câmera obscura, em todas as ideologias, esse fenômeno surge de seu processo de vida histórico, assim como a inversão dos objetos na retina surge de seu processo de vida físico.

Em contraste direto com a filosofia alemã, que desce do céu para a terra, aqui nós ascendemos da terra para o céu. Isso quer dizer que não partimos do que o homem diz, imagina ou concebe, nem do modo como o homem é descrito em narrativas, pensado, imaginado, concebido, a fim de chegarmos ao homem de carne e osso. Partimos dos homens reais, ativos, e assim, baseados em seu processo real de vida, demonstramos o desenvolvimento dos reflexos e ecos ideológicos desse processo de vida. Desse modo, os fantasmas que se formam nos cérebros humanos são, necessariamente, sublimações de seu processo de vida material, que é verificável empiricamente e fundado em premissas materiais. Portanto, a moralidade, a religião, a metafísica, assim como todo o resto das ideologias e suas formas correspondentes de consciência, não conservam mais o seu semblante de independência. Elas não possuem uma história, um desenvolvimento; são os homens que, desenvolvendo suas produções materiais e seus intercâmbios materiais, alteram junto com tais processos sua existência real, seu pensamento e os produtos de seu pensamento. Não é a vida que se determina pela consciência, mas a consciência que é determinada pela vida. No primeiro método de considerar as coisas, o ponto de partida é a consciência tomada como indivíduo vivo; no segundo, são os próprios indivíduos vivos por si mesmos, como eles são nas suas vidas, e a consciência é considerada unicamente como consciência deles.

Esse método de consideração das coisas não é desprovido de premissas. Ele parte das premissas reais e não as abandona em momento algum. Suas premissas são os homens não em qualquer isolamento fantástico ou definição abstrata, mas em seu processo real de desenvolvimento, sob determinadas condições, perceptível empiricamente. Logo que esse processo de vida ativo é descrito, a história deixa de ser uma coleção de fatos mortos, como ela é para os empiristas (eles mesmos ainda abstratos), ou uma atividade imaginária de sujeitos imaginários, como ela é para os idealistas.

Onde a especulação termina — na vida real —, ali começa a ciência real e positiva: a representação da atividade prática, do processo prático de desenvolvimento dos homens. O discurso vazio acerca da consciência se silencia, e o conhecimento real tem de tomar o seu lugar. Quando a realidade é exposta, a filosofia perde seu meio de existência como um ramo independente de atividade. No melhor dos casos, seu lugar pode ser ocupado por um resumo dos resultados mais gerais, as abstrações que despontam na observação do desenvolvimento histórico dos homens. Vistas à parte, separadas da história real, tais abstrações não têm em si mesmas valor algum. Elas podem servir apenas para facilitar a organização do material histórico, para indicar a sequência de seus estratos diferenciados. Mas elas não fornecem de modo algum, como faz a filosofia, uma receita ou esquema para arrumar metodicamente as épocas da história. Pelo contrário, nossas dificuldades só começam quando nos dispomos à observação e ao ordenamento — a exposição real — de nosso material histórico, seja de uma época passada ou do presente. A remoção de tais dificuldades é governada por premissas nas quais é impossível nos determos aqui, e que só se tornarão evidentes por meio do estudo do próprio processo de vida e da atividade dos indivíduos em cada época.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã** (Trechos). [1845-1846]